

"IF VOLDEMORT HAD A DAUGHTER, YOU'D GET ESME HALEN.
DARK, SEXY, AND UNIQUE!"
- Best in Dark Fantasy Romance Reads ★★★★★



DARK BIRCH ACADEMY

ASH & WINGS

KRISTA GRAVES

A Twisted Dark Academia Fantasy Romance with Dragons & Witches

ACADEMIA DARKBIRCH

ASH & WINGS

Krista Graves

Academia Darkbitch: Ash & Wings Copyright © 2025 por Krista Graves
www.kristagraves.com

Todos os direitos reservados.



*Para quem entende:
quanto mais afiada a lâmina, melhor a brincadeira.*

ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados ficticiamente. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Se você acha que se reconhece nestas páginas, fique tranquilo: é a sua consciência falando, não eu.

AVISOS DE CONTEÚDO E GATILHOS

Este livro contém temas sombrios, incluindo violência sobrenatural e cenas com elementos de terror. Apresenta forte tensão sexual e seres mágicos predadores. Para uma lista completa de possíveis gatilhos, visite meu site:
www.kristagraves.com

CONTEÚDO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo: Brynn](#)

1

Em Darkbirch, nos ensinaram desde cedo: a luz ilumina a superfície, mas a escuridão toca o que a luz jamais ousa tocar. Enquanto a maioria dos magos treina para purificar, nós aprendemos a tentar, distorcer e controlar.

Estou no topo da torre mais alta do castelo da Academia Heathborne, sentindo o vento gelado da noite contra a minha pele. Tiro um pequeno comprimido verde-hera do bolso da minha capa e o engulo. Minha língua, garganta e estômago queimam desagradavelmente por vários segundos, mas o efeito é o desejado. Meu corpo inteiro se torna ágil, flexível, e consigo me manipular para dentro do estreito vão de uma chaminé próxima, como um contorcionista só poderia sonhar em fazer.

Deslizo pela rampa apertada, meu corpo se deformando ainda mais. Admito que estou feliz por não poder me ver, porque provavelmente teria pesadelos.

O que, eu prometo, é difícil de fazer.

Quando chego à base da chaminé, rastejo cambaleante para fora de uma lareira apagada. Tiro outra pastilha do bolso — desta vez vermelha — e engulo. Os membros do meu corpo lentamente se fortalecem e se normalizam.

Olho ao redor da câmara em que emergi: o primeiro salão da querida biblioteca de Heathborne. Levanto-me e caminho silenciosamente em direção à saída.

Este não é o espaço para o qual estou aqui. Livros Clearblood — ou livros para "bons mágicos", como eles gostam de se chamar — são, na maioria das vezes, lixo.

Espio pela imponente porta em arco da biblioteca. Lanternas fracas iluminam o amplo corredor lá fora, mas o local está vazio, como esperado à uma da manhã.

Os tapetes felpudos cor de vinho suavizam meus passos, e eu acelero até chegar ao final do corredor, onde uma porta estreita me aguarda. Ela leva para uma escada de serviço em espiral. Subo-a rapidamente, acompanhando as curvas, com todos os sentidos alertas enquanto desço. Todo o conforto desaparece quando chego ao térreo e me restam paredes e pisos de pedra nua. Prefiro aqui embaixo. Sem maciez, sem mentiras. Diante de mim está uma porta de granito com uma fechadura de ferro. É claro que eu esperava que estivesse trancada. Que cela não está? Pego a pequena faca no meu cinto e a desembainho. Olho rapidamente para sua ponta afiada, satisfeito com a quantidade de graxa preta como breu espalhada nela, e a enfio na fechadura. A fechadura faz um clique alguns segundos depois e cede como cera amolecida. Abro a porta com um empurrão.

Uma sirene ensurdecadora quebra o silêncio.

Xingo baixinho.

Isso... complica as coisas.

Eles evidentemente aumentaram a segurança depois da nossa última invasão.

Ah, tudo bem. Podemos fazer isso do jeito mais difícil.

Desço a escada de pedra com força, sem me importar com o barulho que faço. Não consigo nem ouvir minha respiração com a sirene estridente. Mas gostaria que tivessem sido um pouco mais criativos — parece que pegaram emprestado isso de uma loja. Tipo, que tal uma banshee chorando ou um fantasma gritando?

Falando em espíritos... Paro por um momento para recitar meu cântico favorito, que minha avó me ensinou. Todas as luzes fracas se apagam e o ar fica mortalmente frio.

Eu sorrio um pouco.

Eles terão uma boa surpresa quando passarem por aquela porta.

Desço o resto dos degraus, usando a luz de uma lanterna fina no meu cinto, e encontro a última porta que procuro lá embaixo. Uso minha pequena lâmina para abrir esta também.

Ignoro o segundo conjunto de alarmes que essa violação dispara, mas gostaria de ter trazido meus protetores auriculares. Duvido que a equipe de saúde e segurança de Heathborne tenha revisado esses sistemas.

Dentro da próxima câmara está meu destino. Encolhido em um canto, é uma visão lamentável. E admito que meu coração dói um pouco. Meu irmão mais novo, Jax Salem, está largado em uma cadeira, com os braços presos por correntes, mal conseguindo descansar, embora eu perceba que ele se esforça. Um fogo se acende em minhas veias ao ver o que fizeram com ele. "Esme, que diabos?", ele grasna ao me notar. Seu cabelo preto como um corvo está escorregadio de suor e parece que ele não bebe nada há pelo menos doze horas. Seu rosto está mais arroxeadado do que pálido e suas roupas estão em farrapos, revelando cortes profundos que cruzam seu peito musculoso.

Ainda bem que cheguei agora. Se demorasse muito mais, eles teriam se cansado de torturá-lo para obter informações.

"Você quer dizer por que demorei tanto?", pergunto. Olho em seus olhos cinza-neve de tempestade, que espelham os meus, e dou de ombros. "Corvin achou que você conseguiria sair sozinho."

A irritação transparece em seu rosto ao ouvir a menção do nosso treinador principal. "É por causa dele que..."

"Falo depois", interrompo, já começando a trabalhar em suas correntes. Ele precisa conservar suas forças — ainda não saímos daqui. Coloco mais graxa alquímica na minha lâmina e, segundos depois, ela chia e brilha, o calor percorrendo o metal. Ardente o suficiente para atravessar as correntes. As algemas podem esperar.

Assim que termino, puxo-o para se levantar e saímos correndo da câmara, subindo os degraus de pedra. As luzes ainda estão apagadas, a temperatura ainda é extremamente baixa e, ao chegarmos ao último lance de escadas,

passamos pela primeira leva de tropas de Heathborne que tentava nos alcançar. Eles jazem esparramados nos degraus, imóveis, com toda a carne arrancada de seus rostos, que agora não passam de uma massa sangrenta. "Você trouxe a turma da vovó?" Jax suspira.

"Precisávamos de reforços", retruco, apontando para uma porta estreita à nossa direita. "Por aqui."

Já ouço mais sangues-claros descendo a escada de serviço. Não consigo comandar os espíritos da minha avó e das suas irmãs novamente depois de um intervalo tão breve sem que elas fiquem irritadas comigo, mas tenho outros métodos. Jax não está com a capacidade máxima, obviamente, mas faz o possível para me acompanhar enquanto corremos pelos corredores em direção à entrada principal. Não há muitas saídas neste prédio, e podemos muito bem sair com estilo.

Acelero o passo quando as enormes portas de carvalho do hall de entrada principal aparecem. Entramos na sala.

Algo estilhaça atrás de nós, fazendo o chão tremer. Meu irmão geme e cai de joelhos no chão ao meu lado, embora eu não consiga ver qual ferimento o fez cambalear.

Viro-me e avisto uma figura imponente, toda vestida com uma armadura cinza-escura. Aparentemente, ele desceu pelo menos um lance de escadas e avança em minha direção com uma velocidade que me surpreende.

"Você não vai a lugar nenhum, sangue negro", diz uma voz grave, de barítono, transbordando malícia, por trás do visor. Ele está perto o suficiente para que eu veja o reflexo do meu rosto pálido, quase totalmente escondido por uma máscara preta, e dos cabelos escuros sob sua proteção facial de metal.

Não tenho certeza se devo criticá-lo por sua arrogância em atacar meu irmão ferido ou por me ameaçar como ele fez, e decido fazer isso por ambos.

No momento em que cerro as mãos, uma voz grita da escada: "Mazrov, PARE! Você ainda não é forte o suficiente! Não podemos correr o risco de perdê-lo!"

As palavras me pegam de surpresa. Minhas mãos param involuntariamente. Meu foco muda. Encaro o visor da pessoa misteriosa. Ele está perto o suficiente para que não esconda mais tudo.

Olhos azuis elétricos fixam-se nos meus, com uma expressão impossível. Fogo.

Um suspiro escapa de mim.

Quem — o quê — é ele?

Ele para, aparentemente ouvindo a voz de repreensão e percebendo que eu ainda não contra-ataquei.

Meu irmão geme novamente, mais profundamente, e percebo que preciso mudar de ideia. Por mais que eu odeie deixar qualquer universitário de Heathborne em pé, esta terá que esperar.

Pego uma pequena seringa do cinto e injeto o líquido laranja-sangue que ela contém na veia do meu braço direito. Uma onda incontrolável de energia me percorre, dando-me forças para arrastar meu irmão até a porta e abri-la com uma velocidade inacreditável. Lá fora, nossa carona nos aguarda.

OceanofPDF.com

2

Isander vem em nossa direção, vindo das sombras de um carvalho. Suas mãos geladas e muito mais pálidas roçam as minhas enquanto ele tira meu irmão de mim e o coloca de costas, depois me envolve pela cintura com um braço de aço.

Seus olhos salpicados de prata e seu queixo, muito definido para o seu próprio bem, estão a centímetros do meu rosto, e imagino que ele tenha segundas intenções para me colocar no banco da frente — por assim dizer — mas não digo nada por enquanto.

Precisamos ir.

Nosso colega vampiro estende suas poderosas asas negras e coriáceas e nos lança no ar. Agarro os braços do meu irmão, que estão presos ao pescoço de Isander, garantindo que ele se mantenha firme enquanto o chão se afasta de nós.

Os magos que saem da academia rapidamente se tornam meros pontos. Essa é uma desvantagem da sociedade mágica dominante que persegue criaturas perfeitamente úteis como os vampiros: eles buscam refúgio com inimigos.

Estamos agora sobre um imenso lago escuro como breu, mas mesmo ele logo fica obscurecido à medida que Isander sobe mais alto, em direção a uma faixa de nuvens. Ele faz bem em esconder completamente nossos rastros e, enquanto tiro minha máscara, penso em encorajá-lo.

Mas então sua cabeça abaixa. Sinto os fios de seu cabelo escuro roçarem minha pele e a carícia fresca de seus lábios contra meu pescoço.

"É, só uma vez", ele sussurra contra mim, e admito que isso me dá um arrepio na espinha. Ele aperta minha cintura com mais força, puxando os contornos do meu corpo completamente contra o dele. "Você me fez esperar tanto tempo."

Solto uma das mãos do meu irmão e agarro o queixo de Isander, erguendo sua cabeça para encarar meu olhar mortal. Ele sabe que não deve testar minha



expande os limites e cede, embora um sorriso irônico brinque em seus lábios.

"Você vai desistir algum dia?" ele sussurra.

Ignoro sua pergunta, seus olhos semicerrados e a rouquidão de sua voz. Para ser sincero, tenho uma queda por vampiros. Eles são meu tipo favorito de influxo em nossa academia, e Isander — um dos nossos mais novos recrutas — de alguma forma percebeu meu ponto fraco rapidamente. Talvez eu considere a proposta dele mais tarde. Mas, neste momento, estou preocupado com meu irmão, que não levantou a cabeça desde que foi

colocado nas costas de Isander. Ainda não sei o que o fez cair no chão naquele hall de entrada. Ele não tem mais ferimentos visíveis.

"Jax", eu chamo. "O que aconteceu?"

Ele respira, mas não responde. Meu estômago se contrai. *Quem era aquele bastardo ali atrás?*

Atravessamos a escuridão do escudo protetor do Coven Darkbirch.

Gritos agonizantes nos engolfam, cada um pertencendo a espíritos de sangue-puro que preferiram vender suas almas para nós e viver em um purgatório eterno, em vez de arriscar a passagem e descobrir o que a morte reserva. Agora eles formam nossa barreira e nos ajudam a nos manter seguros.

Para ser honesto, a morte provavelmente foi o melhor negócio.

Olho para o cemitério que se estende imediatamente à nossa frente depois que passamos pela barreira.

"Deixe-me aqui e leve o Jax para casa", digo a Isander. "Te vejo na academia mais tarde."

Ele me coloca entre as lápides, e eu fico de olho na distância entre seu belo rosto e o meu. Ele sabiamente não tenta nada e foge novamente com meu irmão. Suspiro enquanto observo a figura gravemente enfraquecida de Jax desaparecer com Isander nas árvores que cercam o cemitério. A floresta abriga os alojamentos do nosso coven, e minha mãe é a melhor pessoa para dar a Jax a atenção imediata de que ele precisa. Como boticária-chefe da enfermaria do coven, há poucos mais experientes.

E precisamos discutir urgentemente o que vi em Heathborne... mas primeiro tenho que fazer algo que não pode esperar.

Olho ao redor do mar de túmulos, inspirando o que provavelmente é meu cheiro favorito desde criança: terra úmida. A culpa é das incontáveis horas que passei aqui com minha avó. É basicamente a horta da nossa comunidade.

Veja bem, a descrição comum de nós como "sangues negros" é, na melhor das hipóteses, rudimentar. Assim como a concepção dos sangues-claros

sobre a morte. Da forma como a vemos: a morte é um jardim e nós somos seus jardineiros.

Veja este quintal, por exemplo. Ele está cheio de flores e sementes que não param de brotar... se você souber onde encontrá-las e como usá-las. Se não souber ou cometer um erro... bem, você logo descobrirá.

Caminho em direção à lápide onde jaz minha avó, Esther Esme Salem. Ela morreu antes de eu nascer, então meus pais me deram seu nome do meio em sua homenagem. E tenho falado com ela quase todos os dias desde que aprendi a falar.

Ajoelho-me diante da lápide dela, tiro a pequena faca do cinto e corto a palma da mão. Mancho o nome dela gravado na lápide com meu sangue. Uma pequena flor-de-sangue, delicada como um hibisco vermelho-escuro, floresce no solo ao meu lado, e fecho os olhos.

Um crânio surge em minha mente, o delicado crânio da minha avó, jazendo no solo abaixo de mim. Ela assente, e sua voz espectral, simultaneamente distante e intimamente próxima, preenche meus ouvidos: "*Obrigada, criança.*" Espero que meu presente a deixe de bom humor na próxima vez que eu ligar para ela.

Porque, naturalmente, nada vem de graça.

A menos, é claro, que você tenha vendido sua alma para nós, como um idiota de sangue puro.

Então você está basicamente ferrado.

Embainho minha adaga e corro em direção à floresta.

OceanofPDF.com

3

Quando chego ao chalé da nossa família, o exterior coberto de hera me parece frio e silencioso. Sem luzes, sem movimento.

"Mãe? Jax?", chamo, me perguntando se eles teriam descido para o porão. Não consigo imaginar por que teriam ido, já que nossa mesa de jantar de três metros teria sido suficiente para um tratamento em casa.

As luzes também estão apagadas na casa da minha tia, do meu tio e de três primos, que fica ao lado da nossa. Mas isso era de se esperar: todos eles foram enviados, junto com minha irmã mais nova, Brynn, como reforços de emergência para o Coven Bloodbane três dias atrás, após um ataque de sangue-claro.

As pesadas tapeçarias que revestem nossa entrada parecem absorver o pouco de luar que entra, suas cenas bordadas de antigas batalhas de magos desaparecendo na escuridão.

Meu olhar se desvia brevemente, mas inevitavelmente, para a única fotografia empoleirada na lareira — o rosto do meu pai congelado no tempo, suas maçãs do rosto salientes projetando sombras sobre feições tão parecidas com as minhas; seus olhos cinzentos guardando segredos que nunca saberei.

Ele partiu para Tarnhollow — um coven de sangue-claro incipiente a oitocentos quilômetros a leste de Darkbirch — treze anos atrás, quando eu tinha dez anos. Deveria ter sido uma missão de reconhecimento de rotina, mas ele nunca retornou.

Bloodbane e outros dois covens vizinhos nos ajudaram a enviar rastreadores, mas as únicas respostas que obtivemos foram rumores de piras queimando na praça de Tarnhollow.

Durante anos, minha mãe vinha a este mesmo lugar todas as noites e admirava a fotografia dele. Ela nunca dizia isso em voz alta, mas todos sabíamos que ela estava esperando.

Para ser sincero, eu também esperei. Mesmo depois de pararmos de acender as lanternas espirituais, e quando as cicatrizes do ritual de ligação no meu pulso pararam de doer, a magia esfriou. Algumas noites, ainda sonho com fumaça se curvando contra um horizonte distante, e me pergunto se o espírito dele escolheu a vida após a morte em vez de nós — ou se os puro-sangues encontraram maneiras de garantir que ele *não pudesse* retornar para nós, mesmo em forma sutil.

Eu expiro. De qualquer forma, não importa mais.

Desvio o olhar da imagem. *Concentro-me.*

Jax.

Minha mãe deve tê-lo levado direto para a enfermaria, o que significa que o estado dele é pior do que eu pensava. Isander provavelmente os acompanhou até lá.

Olho para o relógio. Ainda faltam várias horas para o nascer do sol. Paro no meu quarto e dou uma olhada rápida em seu interior minimalista. Quase não passo tempo ali desde que me mudei para os dormitórios da academia. Pego meu velho chicote de pele de cobra, com lâmina prateada na ponta, que está em um vaso de porcelana branca atrás da porta, e saio correndo de casa.

Darkbirch é sempre selvagem, mas quando o sol se põe, as criaturas que abrigamos perdem o último resquício de civilidade.

O caminho da enfermaria se estende à minha frente, uma faixa de terra projetada sob a luz bruxuleante de uma lanterna. Dez minutos. É o suficiente. Mas a mata nesta área está faminta, e vinte passos adiante, já ouço o bater de patas e o som áspero e úmido de algo respirando com muita força, muito perto.

Eu me viro lentamente.

Olhos vermelhos flutuam no escuro. Dentes brilham como cacos de vidro.

Sóren.

Meu chicote se desenrola em minhas mãos, sua lâmina prateada refletindo a pouca luz que há. "Cuidado com onde pisa", rosno.

O lobo congela. Enorme e musculoso, seus pelos eriçam-se como punhais ao longo da espinha. O luar brilha nos fios de saliva que escorrem de suas mandíbulas. Ele não recuou — está apenas avaliando o custo da desobediência.

Deixo o chicote estalar. O som corta o ar como um tiro.

Por um instante, ele hesita. Então, com um rosnado que faz as folhas tremerem acima, ele desaparece em meio às árvores. Provavelmente para

arrancar a garganta do primeiro animal que encontrar, ou possivelmente até mesmo de sua companheira.

Acelero o passo, fingindo não notar o trio de íncubos descansando nos galhos de carvalho acima. Seus trajes discretos — mais sugestivos do que tecidos — foram projetados para provocar a ruína. Um deles me manda um beijo, o ar carregado de jasmim e pecado, e algo mais sombrio que me arrepia.

Cerca de um minuto depois, uma voz aveludada roça meu ouvido. "Querida, você está tensa." Ele emerge das sombras em uma lenta ondulação de luar e calor, uma fada sombria esculpida em ilusão e intenção. Seus dedos desenham círculos no ar, e o espaço sob eles cintila como água agitada — meio mágica, meio convite. Então seus lábios roçam a concha da minha orelha, macios como plumas, ousadamente próximos. "Deixe-me... te soltar." Desvio-me do seu avanço com um olhar furioso. Sinceramente, é como andar por uma fraternidade sobrenatural aqui.

Solto um suspiro quando a enfermaria finalmente surge à minha frente. Encurto a distância rapidamente e abro as pesadas portas de carvalho. O ar está carregado com o cheiro de mil-folhas amassadas e algo metálico. Abro caminho pelo grupo de oito oficiais de defesa que se aglomeram na cama de Jax, seus uniformes formando uma parede de couro preto e insígnias carmesim.

O chefe da nossa academia de defesa, Corvin, paira sobre a cabeceira da cama, com as mãos cheias de cicatrizes agarradas à estrutura. Os dedos da minha mãe trabalham metodicamente, espalhando pomada amarela nas têmporas de Jax. O rosto do meu irmão se contrai violentamente, com as veias saltando como rios azuis sob sua pele pálida demais.

Minha mãe me vê entrando e olha para cima. "Que diabos aconteceu com você?", ela pergunta bruscamente, antes que eu possa dizer uma palavra. Ela termina de aplicar a pomada e se vira para mim, com as mãos na cintura. Seus olhos azuis e frios me percorrem.

Agarro a grade da cama. "Estávamos quase saindo", digo. "Aí esse desgraçado de armadura, o Mazrov, caiu do andar de cima. O Jax se mexia apesar dos ferimentos de tortura, mas aí... de repente ele estava de joelhos e parecia que o Mazrov tinha feito alguma coisa com ele. Mas não sei o quê. E aí alguém chamou o Mazrov. Disse que ele ainda não era 'forte o suficiente' para me enfrentar." Minhas unhas se cravam mais fundo na madeira. "O que há de errado com o Jax?"

Um gole seco. Um leve roçar de língua nos lábios. Minha mãe — raramente nervosa — fica parada demais, os dedos se fechando em punhos frouxos antes de forçá-los a se abrirem novamente.

"Os sintomas dele são... estranhos", ela responde. "Fratura mental. Desorientação temporal. Mas o mais preocupante é a sua aura. É... enfraquecido."

Eu a encaro. *O quê?* Nossa aura é o que define nossa identidade como mágicos.

Mais do que identidade, é a nossa força vital. Sem ela, somos cinzas.

"Esme, você precisa nos contar todos os detalhes que puder sobre isso."

Corvin dá um passo à frente, e nunca vi seus olhos escuros tão sérios. Seus lábios finos formam uma linha firme.

"Eu vi os olhos do homem", eu digo. "Eles eram azuis brilhantes, mas eu vi fogo.

Essa é a única maneira que consigo pensar para descrever. Havia... fogo nos olhos dele."

O ar na sala congela. Ninguém parece respirar. Ninguém se move. O rosto da minha mãe é um reflexo da expressão estampada em todos os outros rostos da sala: pálido, olhos arregalados, inquieto.

"Tem certeza, Esme?" Sua voz é quase um sussurro, mas corta o silêncio como uma lâmina.

Não pisco. "Eu te contei exatamente o que vi... O que significa?"

O olhar de Corvin se fixa na figura caída do meu irmão, com a testa franzida tão profundamente que sombreia os olhos. Sua mandíbula se aperta — uma,

duas vezes — antes de se virar para mim com a imobilidade de um predador.

"Você será requisitado em uma reunião do conselho."

OceanofPDF.com

4

O rosto pálido de Jax permanece em minha mente enquanto caminho pela floresta em direção à academia.

Reunião do Conselho. Essas palavras nunca são um bom presságio. Mas terei que esperar até amanhã para ver as revelações que eles têm guardadas. Aparentemente, eles precisam de tempo para se preparar. E preciso de descanso — espero que pelo menos seis horas de inconsciência.

Ao cruzar o último bosque, a Academia Darkbirch surge diante de mim... como um pecado do qual nunca se arrependeu. Sua silhueta irregular corta o céu noturno — pedra negra sangrando em estrelas. Ao contrário de Heathborne, toda pedra polida e postura moral, Darkbirch não finge ser nada além do que é: uma relíquia de poder implacável e enfeitada. Gótica. Vasta.

Vivo. Ele não se senta na terra, mas a possui.

Não é acolhedor.

Não é seguro.

Mas, deuses, é lindo.

Os terrenos ao redor são selvagens e representam um perigo deliberado. Trepadeiras espinhosas serpenteiam pela parede leste como serpentes, contorcendo-se ao ouvir passos. Árvores-ossos — brancas e sem folhas — ladeiam as passarelas como sentinelas silenciosas, com casca lisa como pele, raízes capazes de beber mais do que água.

Passo sob o arco esculpido com runas que brilham fracamente sob o luar — proteções projetadas para repelir os indesejados. Seu zumbido desperta algo profundo em meus ossos, familiar e penetrante. A academia pode ser vasta, mas conhece os seus. E me conhece.



A maioria dos dormitórios se apega à estrutura principal, fileiras de pedras uniformes escondidas atrás da torre mais central. Mas o meu se destaca — isolado por projeto e por solicitação, uma torre sombreada na ala noroeste. Por tradição, os quartos privativos são reservados para aqueles suficientemente... talentosos.

— ou perigoso — para justificar a solidão durante as horas noturnas, quando a energia tende a correr solta entre nós. Minha colocação aqui não se deve inteiramente ao privilégio.

Uma estreita escadaria de pedra serpenteia por entre paredes cobertas de hera, levando à minha torre. Beijada pelas sombras e silenciosa. Cheira a incenso queimado, papel velho e um leve ozônio — aromas que me acompanham desde os meus primeiros dias aqui.

Graças às constantes tentativas da população majoritária de magos de nos erradicar da existência, todo jovem sangue-escuro passa por um mínimo de três anos de treinamento especializado em combate ao completar vinte anos, após treinamento e educação geral. Darkbirch serve como campo de treinamento central para vários covens — especialmente os menores que não conseguem sustentar seus próprios programas. Não é apenas uma academia. É uma máquina de guerra com os ossos de uma escola.

Podemos ser menos que os sangue-puros, mas somos mais espertos. E não recuamos quando a coisa fica sangrenta.

Uma única lanterna queima do lado de fora da minha porta, bruxuleando com uma chama rosa-dourada que vento algum consegue apagar. Pressiono a maçaneta de ferro, e as proteções atrás dela reagem com uma leve ondulação, reconhecendo minha presença.

Lá dentro, o ar está mais fresco. Mesmo assim. Meu espaço é simples por opção: prateleiras abarrotadas de grimórios e ervas secas, uma seleção das minhas armas favoritas encostadas impecavelmente na parede e uma cama que é mais funcional do que confortável. Mas a vista é incomparável — minha janela dá para a floresta extensa, retorcida e selvagem, o vidro

gravado com tênues símbolos de proteção que brilham quando o luar os atinge na medida certa.

Não é muito.

Mas é meu.

E nunca me julga pelo que sou.

Durmo como uma pedra até o início da tarde. Não sou incomodado em nenhuma aula; todos que importam sabem que estive em uma missão.

A mensagem chega enquanto estou no meio do banho, com vapor subindo pelo ar enquanto meu pager vibra no balcão do banheiro. Corvin, claro. Sempre direto.

Reunião do Conselho. Uma hora. Não se atrase.

Sem teatralidade. Sem entregadores arranhando a janela, sem rastros dramáticos de fumaça soletrando meu nome pela sala. Apenas uma mensagem direta, crepitando no plástico como se eu vivesse em 1994.

Mesmo em nosso mundo, algumas coisas permanecem encantadoramente ultrapassadas.

Visto-me rapidamente. Calça preta, botas de cano alto, túnica carmesim — uniforme de veterano.

Sem excessos. Sem estilo. Apenas funcionalidade. Prendo meu cabelo num coque apertado e saio pela segunda porta do meu alojamento, em direção à escada estreita que desce em espiral até o interior da academia.

Os corredores estão quase desertos enquanto atravesso a ala oeste da academia. A maioria dos alunos está confinada em suas salas de aula, deixando os corredores abobadados silenciosos, exceto pelo eco ocasional dos meus passos no piso de obsidiana.

Passo pelo Salão da Transmutação e paro enquanto gritos abafados e gemidos baixos e hesitantes atravessam a pesada porta de carvalho. O som é familiar...

Em algum lugar entre a agonia e a rendição, o ritualizado e o cru. O Professor Sylth está ensinando manipulação corporal avançada hoje. Nada de comprimidos de solução rápida, mas modificações de longo prazo.

Mais abaixo, o cheiro de sangue e enxofre se infiltra por baixo da câmara de Estudos Alquímicos. Escuto trechos da voz rouca da Professora Morrigan demonstrando a maneira correta de extrair essência de espécimes ainda vivos. O riso nervoso de um aluno cessa abruptamente, substituído por um suspiro coletivo quando algo aparentemente dá espetacularmente errado — ou certo, dependendo da perspectiva.

O corredor subterrâneo que leva à câmara do conselho passa pelo Anexo de Estímulo, onde alunos avançados são treinados para refinar sensações em feitiços — prazer, dor e tudo o mais. A aula de hoje parece particularmente intensa — a sala pulsa com ondas de energia tão potentes que posso senti-las roçando minha consciência, uma força reprimida pressionando a borda dos meus pensamentos. Riona sai cambaleando, com os cabelos castanho-chocolate grudados à pele úmida e os olhos cor de caramelo vidrados. Ela se encosta na parede, ofegante e trêmula, com um rubor ainda brotando em suas bochechas.

"Ah, ei, Es", ela suspira brevemente, me notando. Mal tenho a chance de responder antes que ela tropece de volta em qualquer tormento intenso que a forçou a...



para sair.

Chego às antigas portas da câmara do conselho no momento em que a torre do relógio bate a hora. As esculturas nas portas retratam nossos fundadores em cenas arrebatadoras de ritual e domínio — gravadas em reverência e não em humildade. Passo o dedo pelo padrão familiar do cadeado de sangue e pressiono a palma da mão contra ele.

As portas enormes abrem silenciosamente para dentro, revelando a câmara circular além.

O ar na sala de reuniões está pesado, denso com o peso de magia centenária. Deslizo para o meu lugar designado à longa mesa de carvalho, observando as linhas de preocupação gravadas nos sete rostos do conselho de liderança do nosso coven. Suas posturas são rígidas e tomos antigos se

estendem diante deles. Certamente não me chamaram aqui para complementar minha missão de extração.

A velha Diretora Blythe está sentada com a coluna perfeitamente ereta, o cabelo com mechas prateadas puxado para trás com tanta força que deve doer. Ao lado dela, os dedos do Diretor Reinhardt tamborilam em um ritmo irregular no pergaminho amarelado à sua frente. Os outros mantêm aquela quietude peculiar que acompanha a idade e o poder — não precisam se mexer para chamar a atenção.

À cabeceira da mesa está Corvin, com sua silhueta alta projetando uma longa sombra sobre a madeira antiga. "Salem", diz ele. "Obrigado por se juntar a nós."

Eu simplesmente aceno, mantendo meu rosto uma máscara cuidadosa de atenção respeitosa.

O quarto cheira a magia antiga — ferro, terra e um leve traço de sangue. Livros antigos enfeitam as paredes de pedra, com suas lombadas ostentando títulos em línguas há muito mortas para todos, exceto para nós. Este é o santuário interno do instituto militar de Darkbirch, um lugar onde apenas os assuntos mais graves são discutidos.

"Temos uma situação", continua Corvin, colocando as palmas das mãos sobre a mesa. "Uma situação que exige seus... talentos específicos."

Resisto à vontade de revirar os olhos. Meus "talentos particulares" geralmente significam que alguém precisa ser morto, informações precisam ser extraídas ou algo valioso precisa ser roubado. A família Salem serviu como a mão-de-obra secreta do coven por gerações. Da minha geração, meu irmão e primos normalmente lidam com...

missões de espionagem, reconhecimento e sabotagem direcionada — fora do plantão de emergência — enquanto eu assumo aquelas que exigem uma certa brutalidade criativa.

Minha irmã Brynn, de vinte anos, por outro lado... ela ainda é caloura e, sinceramente, não sei como ela foi parar nessa linhagem. Ela trata a biblioteca como um santuário e cada missão como um ataque pessoal.

Mas Darkbirch não deixa muito espaço para suavidade. Há um motivo para muitos chamá-la simplesmente de Darkbitch.

"Você identificou uma ameaça", continua Corvin, com a voz mais baixa, "aparentemente diferente de tudo que já encontramos antes."

"O que você acha que é isso?", pergunto.

Percebo que o Diretor Reinhardt folheia um arquivo do outro lado da mesa. Ele contém imagens do meu irmão doente em sua cama de enfermaria e, aparentemente, seu prontuário médico completo.

"Preferimos não especular neste momento", responde Corvin. "Precisamos de informações e evidências. Mas podemos dizer que a condição do seu irmão é..."

"Sem precedentes", finaliza a Diretora Blythe, com a voz embargada como folhas de outono. "Parece que este 'Mazrov' não danifica apenas o corpo. Ele danifica a própria aura."

Algo frio se desenrola no meu estômago. "Mas como?", pergunto. Sei que nossas auras — nossa essência mágica — podem ser temporariamente drenadas ou bloqueadas, mas danam real? Isso deveria ser impossível.

Corvin passa a mão pelos cabelos grisalhos. "Não sabemos.

De acordo com o relato de sua mãe, seu irmão descreveu uma sensação de...

queimando, bem no fundo de seu âmago. Como se sua magia estivesse sendo... queimada. Se for esse o caso e ele tiver sido submetido ao que Mazrov fez por mais tempo, é lógico supor que isso poderia causar um colapso auditivo completo. Desintegração total da essência mágica.

"Nunca vimos nada parecido", diz o Élder Farrow do outro lado da mesa, falando pela primeira vez. Sua voz, apesar da idade avançada, permanece clara e cortante. "Nunca em toda a nossa história registrada."

"E você acha que esse... Mazrov... é um sangue-puro?" pergunto, franzindo a testa profundamente.

"Mais uma vez, só podemos especular", responde Corvin. "Mas, seja lá o que for, ele é evidentemente o desenvolvimento deles. Uma arma na criação."

Claro. Os sangue-puros seriam os que desenvolveriam algo tão fundamentalmente contra a ordem natural. Eles sempre temeram nossa conexão com a morte e a magia do sangue, considerando-a uma abominação enquanto convenientemente ignora as atrocidades que sua própria magia "imaculada" cometeu.

"Então, qual é o plano?", pergunto, já desconfiando da resposta. "Capturar? Interrogatório?"

Corvin e o Élder Farrow trocam um olhar, e eu sei imediatamente que estou certo sobre meu papel aqui.

"Eliminação", afirma Corvin, categoricamente. "A capacidade de Mazrov de danificar as auras dos sangues-negros é uma ameaça à nossa própria existência. Não podemos permitir que tal arma permaneça nas mãos dos sangues-claros."

Recosto-me na cadeira. "E você precisa que eu chegue perto o suficiente para matá-lo."

"Exatamente", Corvin concorda. "Você vai se infiltrar em Heathborne como um aluno transferido."

Não consigo conter a risada curta e cortante que me escapa. "Um aluno transferido?"

Sou veterano, Corvin."

"A Academia Heathborne aceita praticantes avançados de até 25 anos", interrompe o Diretor Reinhardt. "Sua cobertura será como pesquisador especializado em encantamentos de proteção, buscando completar sua formação sob a tutela deles."

Bato na mesa com uma unha pintada de preto. "E quando eu estiver lá dentro?"

"Você identificará a verdadeira identidade de Mazrov, aprenderá tudo o que puder sobre essa capacidade de danificar a aura e então o eliminará antes que ele possa ser usado contra nós", diz Corvin.

Os outros membros do conselho concordam solenemente. A gravidade do que estão pedindo me envolve como um manto. Esta não é apenas mais uma

missão — esta é a tarefa mais perigosa que já assumi. Se este Mazrov puder danificar permanentemente as auras dos sangues negros, ele poderá tornar todo o nosso coven impotente.

"E a minha própria assinatura mágica?", pergunto. "Eles terão sistemas de detecção para identificar sangues negros."

Corvin gesticula para a Anciã Reed, nossa especialista residente em disfarces e ocultações. A velha puxa uma pequena caixa de madeira de debaixo da mesa e a desliza em minha direção.

"Dentro, há um suprimento de comprimidos de prata", explica ela, com a voz suave, mas clara. "Tome um por dia da semana, mais dois para ajudar seu corpo a se aclimatar a eles antes de chegar. Eles reescreverão temporariamente sua magia."

assinatura para parecer um sangue puro. O efeito dura aproximadamente 24 horas por comprimido."

Abro a caixa com cuidado. Os tabletes brilham com um brilho sobrenatural, e consigo sentir a magia complexa que irradia deles.

"Há... efeitos colaterais", acrescenta o Anciã Reed, quase se desculpando. "Você sentirá uma redução moderada em suas habilidades naturais, o que também terá algum impacto em sua capacidade de resposta a comprimidos e poções. Sua conexão com os espíritos será quase cortada sob a influência dos comprimidos."

A última é uma séria desvantagem. Uma parte significativa do meu tesouro de guerra é minha capacidade de invocar espíritos, principalmente minha avó.

Sem essa conexão, estarei operando com talvez sessenta por cento da minha capacidade.

"Então, entrarei na fortaleza dos nossos inimigos, com poderes reduzidos, para assassinar alguém que pode destruir permanentemente a magia que me resta", resumi, sem me preocupar em esconder o sarcasmo seco da voz.

"Parece delicioso."

"Vocês não ficarão totalmente sem recursos", diz Corvin, ignorando meu tom de voz. "Preparamos documentos, protocolos de contato, planos de resgate de emergência. Vocês terão capacidade limitada de se comunicar conosco, e posicionaremos recursos perto de Heathborne, que poderão prestar assistência em caso de extrema necessidade."

"Quando?", pergunto.

"Três dias", responde Corvin. "Vamos integrá-lo na segunda-feira, no início do semestre letivo. Você precisará de amanhã e depois para memorizar sua identidade falsa e se acostumar aos efeitos dos comprimidos antes de entrar no território deles."

Concordo com a cabeça, já catalogando mentalmente o que preciso preparar. Armas que podem ser consideradas ferramentas acadêmicas. Poções disfarçadas de suplementos medicinais. Dispositivos de comunicação que contornarão as proteções de Heathborne, em caso de emergência. A segurança terá aumentado ainda mais após a minha extração bem-sucedida de Jax.

"Só mais uma coisa", diz a Guardiã Blythe, com seus olhos ancestrais fixos nos meus. "Já que temos motivos para acreditar que as capacidades de Mazrov ainda estão se desenvolvendo e evoluindo..."

"Preciso agir rápido", concluo. "Antes que ele atinja seu potencial máximo."

"Exatamente", afirma Corvin. "É por isso que o selecionamos para esta missão, Salem. Você tem a... natureza decisiva necessária."

Uma maneira educada de dizer que sou um dos mais dispostos a cortar uma garganta sem hesitar. Justo.

"Você entende o que está em jogo", diz o Ancião Farrow, não uma pergunta, mas uma afirmação. "Se essa tecnologia ou habilidade mágica se espalhar entre os sangue-claros, eles poderão nos destruir sistematicamente. Não apenas nosso coven, mas todos os sangues-escuros em todos os lugares." Entendo perfeitamente o que está em jogo. Não se trata apenas de proteger nosso território ou recursos — trata-se de prevenir a extinção. E por mais que o conselho às vezes me frustre com sua cautela e política, não tenho

intenção de deixar um fabricante de armas de sangue puro ameaçar minha família e meu povo.

"Precisarei de tudo o que temos sobre os protocolos de segurança de Heathborne", digo, aceitando a missão sem dizer explicitamente. "E acesso total ao arsenal."

Corvin assente. "Já combinado. Apresentem-se na sala de preparação após esta reunião. O pacote completo de instruções os aguarda lá."

Os membros do conselho começam a reunir seus documentos, um sinal de que a parte formal desta reunião está chegando ao fim. Ao se levantarem, o Élder Reed coloca a mão nodosa no meu braço.

"Tenha cuidado, criança", ela sussurra. "Mais do que a sua vida depende do seu sucesso."

Dou-lhe um sorriso que não alcança meus olhos. "Quando é que não fui cauteloso, Ancião Reed?"

Ela não responde, apenas aperta meu braço uma vez antes de me soltar. Entendo sua preocupação. Esta missão é diferente — estarei em território inimigo com poderes reduzidos, caçando um alvo com habilidades sem precedentes, com apoio mínimo. O risco é extraordinário.

Mas eu também.

Enquanto os membros do conselho saem, Corvin fica para trás, com sua silhueta alta destacada contra as luzes flutuantes.

"Esme", ele diz baixinho. "Tem mais uma coisa que você precisa saber."

Espero, observando seu rosto atentamente.

"Esta missão não foi unânime", admite ele. "Alguns achavam que deveríamos tentar a captura em vez do assassinato. Outros achavam que deveríamos enviar uma equipe em vez de um único agente."

"Mas você os anulou", observo.

Ele assente uma vez. "Uma equipe aumenta o risco de detecção. E quanto à captura..." Seus olhos endurecem. "Não podemos arriscar trazer algo tão perigoso para o nosso território. Não quando não o compreendemos."

Levanto-me da cadeira e guardo o arquivo debaixo do braço. "Não vou te decepcionar, Corvin. Nunca decepcionei."

"Eu sei", ele diz, e por um instante, vislumbro algo que pode ser preocupante por trás de sua aparência estoica habitual. "É por isso que tinha que ser você."

Ao sair da sala, o peso da missão se acomoda completamente sobre meus ombros. Em três dias, estarei adentrando o coração do território inimigo, desempenhando um papel que pode me matar ou até mesmo me fazer sofrer algo pior se eu escorregar, mesmo que por um instante. Mas por baixo desse peso há algo mais — uma emoção, uma expectativa sombria. Que Mazrov e seus olhos flamejantes venham atrás de mim. Eu mostrarei a ele o que acontece quando se ameaça um Salem.

A avó Esther sempre dizia que eu tinha talento para acabar com ameaças de forma permanente. Hora de provar que ela estava certa.

OceanofPDF.com

5

O corredor do lado de fora da sala de reuniões parece mais frio do que deveria, mesmo para os níveis subterrâneos da nossa academia. Ando com passos medidos, o bater rítmico das minhas botas contra a pedra ecoando nas paredes forradas com pinturas centenárias que retratam nossas vitórias ancestrais. O peso do arquivo da missão em minhas mãos parece desproporcional ao seu tamanho real — uma pasta fina contendo o que poderia muito bem ser uma sentença de morte.

A minha ou a do Mazrov. Estou determinado a garantir que seja a última. Tochas tremulam em arandelas de ferro ao longo do corredor, projetando minha sombra em várias direções conforme passo. Suas chamas não aquecem o ar; nunca aqueceram. Nossa espécie prefere o frio — ele mantém a mente afiada e nos lembra do abraço da sepultura que aprendemos a manipular em vez de temer.

Só no ano passado, eu poderia ter morrido quatro vezes, em missões menos perigosas que esta. A diferença era que eu podia invocar o espírito da

minha avó, usar nossa magia ancestral e lutar com toda a força da minha herança sangue-escuro. Desta vez, entrarei em território inimigo com meu poder deliberadamente diminuído, caçando um alvo projetado especificamente para me destruir.

Belas probabilidades. Exatamente como eu gosto.

A câmara de preparação fica no final de um corredor pouco utilizado, depois das salas de treinamento e do arsenal. Poucos têm autorização para entrar — apenas aqueles designados para operações secretas de alto risco. Já estive aqui seis vezes na minha vida.

Duas dessas missões quase me mataram.

Pressiono a palma da mão contra a pesada porta de metal, sentindo a picada familiar enquanto a fechadura de sangue coleta sua amostra. Há um momento de resistência, depois uma série de cliques enquanto os mecanismos antigos reconhecem minha

linhagem e concede acesso. A porta se abre para dentro em dobradiças silenciosas, revelando uma câmara banhada por uma fria luz azul.

"Bem-vinda, Esmé Salem", diz a voz desencarnada do espírito guardião da sala. "Seus materiais de preparação foram reunidos conforme solicitado."

"Obrigado, Guardião", respondo, entrando enquanto a porta se fecha atrás de mim.

A câmara é circular, com uma mesa central cercada por prateleiras contendo de tudo, de armas a poções e roupas especializadas. As paredes são revestidas de espelhos, encantados para mostrar diferentes aspectos da aparência de uma pessoa — física, mágica, espiritual. Eles serão essenciais para garantir que minha natureza mágica sombria permaneça oculta sob meu disfarce de sangue-claro.

Sobre a mesa central, encontra-se uma série de itens cuidadosamente dispostos em torno de uma planta detalhada da Academia Heathborne.

Coloco minha pasta de lado e começo a examinar o que Corvin preparou para mim.

Primeiro, os documentos de identidade. A capa é completa — registros acadêmicos de uma pequena academia mágica nos territórios ocidentais, cartas de recomendação com assinaturas falsas de respeitados estudiosos de sangue puro e um histórico detalhado. De acordo com esses documentos, agora sou Clara Winters, uma jovem pesquisadora promissora especializada em encantamentos de proteção, buscando concluir meus estudos avançados com o renomado corpo docente de Heathborne.

"Clara Winters", testo o nome em voz alta, sentindo o gosto da falsidade.

"Órfã aos dezesseis anos, criada por acadêmicos, formada com honras."

Uma vida inteira de conquistas inventadas e um passado trágico, expostos em detalhes meticulosos. Verdade suficiente entremeada nas mentiras para torná-la crível — afinal, perdi meu pai jovem, mas não da forma como estes documentos afirmam.

Ao lado da documentação, há duas pequenas caixas de madeira. Uma contém uma pilha de tabletes de prata, cada um gravado com runas complexas que brilham sob a luz azul. Elas serão minha maior vulnerabilidade e proteção ao mesmo tempo — mascarando minha natureza de sangue negro enquanto me isolam de uma parte significativa do meu poder. A segunda caixa de madeira está marcada com uma etiqueta que diz "contra-supressão" e contém uma pilha de tabletes brancos. Uma nota ao lado desta caixa me informa que esses tabletes reverterão os efeitos dos tabletes de prata. Úteis em caso de emergência.

Ao lado das caixas de madeira, encontra-se uma coleção de armas disfarçadas de instrumentos acadêmicos. Uma caneta-tinteiro com tampa removível que revela uma fina agulha envenenada. Um abridor de cartas cerimonial que também funciona como uma faca de arremesso. Uma lupa de pesquisador com lâminas afiadas o suficiente para cortar uma artéria. Um marcador de livro ornamentado que se desdobra em um fio de garrote. E outras armas úteis.

"Sutil", murmuro apreciativamente, testando o peso da caneta na minha mão.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Darkbirch Academy: A Twisted Dark Acad..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).